

*Antonio Candido* (de Mello e Souza) (n. 1918). Figura central da crítica brasileira a partir dos anos 40. Iniciou a carreira como responsável pela seção de livros da revista *Clima*, a qual fundou com um grupo de amigos em 1941. O periódico refletia o novo espírito universitário e crítico, instalado em São Paulo por influência da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, recém-criada em 1934. Nesta, uma equipe notável de professores trazidos da Europa assegurava à nova geração o contato com o padrão da pesquisa contemporânea: o autodidatismo começava a ser substituído pela formação sistemática. Por outro lado, São Paulo fora o centro do Movimento Modernista de 1922, cujos expoentes, personagens já históricas e míticas, estavam vivos e também eram freqüentados pela nova geração. Lembremos enfim a característica do momento, marcado pela polarização ideológica e a seriedade social dos anos 30, com a sua arte empenhada, a oposição ou adesão à ditadura Vargas, e o ponto de fuga na Segunda Guerra Mundial.

Entre 1943 e 1947, AC assinou um rodapé semanal na grande imprensa, as "Notas de Crítica Literária", tornando-se um nome conhecido nacionalmente. Os artigos acompanhavam o dia-a-dia da produção, de principiantes como de autores consagrados, além de livros estrangeiros que pudessem interessar ao debate. Com discernimento seguro - a prova dos nove para qualquer crítico - saudam as estréias de Clarice Lispector, João Cabral de Melo Neto e Guimarães Rosa. Já os autores com reputação feita são analisados com seriedade e sem complacência, no mesmo espírito em que na semana anterior havia sido estudado um livro, suponhamos, de Gide, Eliot ou Silone. A naturalidade e o equilíbrio na circulação entre as letras européias e locais configura um raro momento de desprovincianização na

crítica brasileira. Uma seleção destes ensaios, com ênfase na crítica de ficção, foi reunida em *Brigada Ligeira* em 1945. Futuramente, quando os rodapés forem publicados no conjunto, com a sua parte de debate de idéias contemporâneas e comentário histórico-sociológico, além de estético, teremos um panorama de época variado e vivo, a melhor introdução à vida intelectual do período. A energia da prosa, que não foi desmentida pelo tempo, se deve à intimidade refletida com o quadro das posições ideológicas e artísticas no país, e também fora dele. Deve-se igualmente a uma rara constelação de preferências, que a evolução histórica ulterior valorizou: a perspectiva é socialista, mas anti-stalinista, amiga da experimentação formal audaciosa, além de convencida, no caso das artes, da precedência da obra sobre a opinião política expressa, o que permitia ao crítico

engajadamente antifascista a consideração isenta dos autores com simpatia pela direita. A eventual reorganização democrática das sociedades no pós-guerra, incluída aí a brasileira, fornecia o prisma por onde avaliar o processo cultural na sua diversidade.

*O Método Crítico de Silvio Romero*, tese universitária defendida em 1945, expõe e discute a obra do importante e rebarbativo historiador naturalista das letras brasileiras. O debate gira em torno da explicação da literatura por fatores extraliterários. Trata-se de estabelecer a parte que devem ter na crítica literária as considerações internas, de composição artística, e as externas, de condicionamento social e psicológico, preferidas por Silvio. Por via oblíqua, AC examinava os pressupostos da própria atividade em curso, marcada pela preocupação política, no que registrava o influxo do *New Criticism* e levava a cabo um primeiro esforço de auto-superação. A estratégia adotada é indicativa de uma convicção teórica, aliás uma lição: em lugar de debater a alternativa genérica entre estudos de contexto e estudos de forma, diretamente nos termos da discussão e da bibliografia internacional a respeito, AC prefere colher o problema na sua feição local, exposta nos impasses metodológicos do predecessor. A versão abstrata ou universalista da questão lhe pareceria acadêmica no mau sentido, deixando escapar os tópicos relevantes, sempre ligados a uma história particular.

*A Formação da Literatura Brasileira (Momentos Decisivos)*, publicada em 1959, estuda o período de 1750 a 1870. Do ponto de vista da história literária, a primeira metade é arcádica, e a segunda é romântica. Do ponto de vista da história política, uma pertence à Colônia, e a outra à nação independente. Estas correspondências notórias, assimiladas pelo viés do Romantismo patriótico, haviam dado origem à série dos lugares-comuns do

ROBERTO SCHWARZ

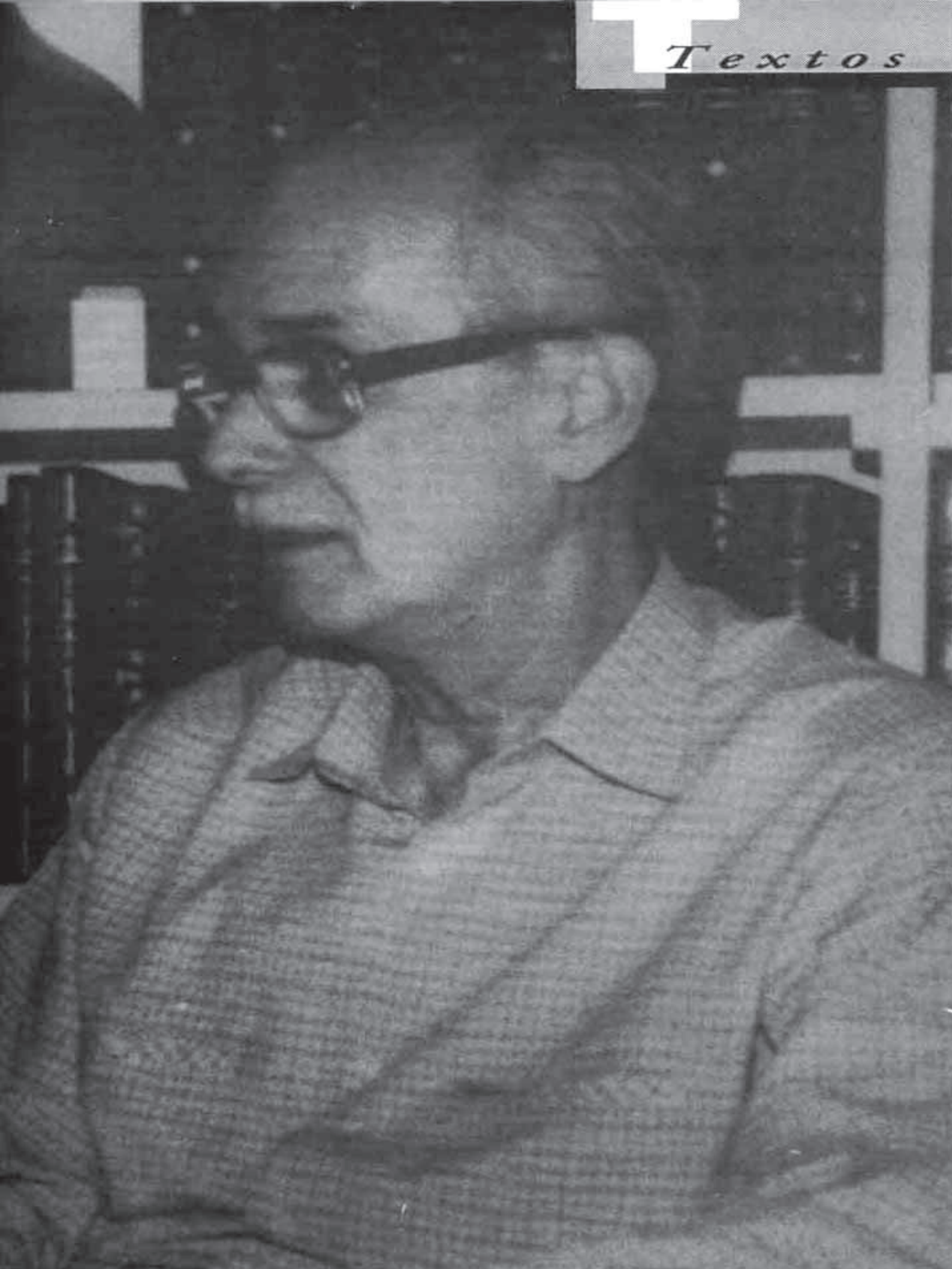
# Antonio Candido

(Um verbete)

ROBERTO SCHWARZ é professor de Teoria Literária da Unicamp e autor, entre outros, de *Um Mestre na Periferia do Capitalismo* (Ed. Duas Cidades).

Este texto foi redigido para o *Dicionário Enciclopédico de las Letras de América Latina* da Biblioteca Ayacucho, em preparação.

*Textos*



nacionalismo, que tiveram grande vigência: a estética neoclássica é portuguesa e alienada, enquanto a romântica é nacional e autêntica; o universalismo é atrasado, ao passo que o localismo é progressista; a poesia arcádica é menos brasileira que o lirismo indianista, etc. Já o livro de AC, conforme indica o título, considera estes períodos em conjunto, como os momentos decisivos na formação do *sistema da literatura nacional*, numa linha, portanto, de unidade interna.

“Formação” designa aqui o processo bastante deliberado pelo qual se constituiu um sistema nacional de obras, autores e público, na órbita do movimento longo da independência política. Trata-se de uma ordem nova, ciosa do vínculo interno, diversa da que governou as letras coloniais, as quais passaram a existir nacionalmente através da mediação da primeira. Como parte de um projeto de autonomia, o sistema se completará quando uma continuidade de obras mais ou menos consciente houver recoberto e elaborado os assuntos e as áreas geográficas do país, tendo incorporado a seu trabalho os recursos da literatura contemporânea, o que ocorreu na virada do Romantismo para o Naturalismo. As consequências críticas deste ponto de vista são numerosas. Entre elas, uma relação complexa com o dinamismo nacional, reconhecido como fato e recusado como horizonte: o ciclo da formação é descrito com recuo, sem parte com o nacionalismo que o animou, o qual, passado o seu tempo, se tornaria ranço. A mudança afeta as apreciações, causando uma troca geral de acentos, cuja ironia histórica é instrutiva. Sirva de exemplo a poesia do Arcadismo, com os seus pastores atemporais e paisagens de convenção, tão estranhos à América. Pois AC mostra como esta estilização permitiu aos poetas expressar uma experiência americana e moderna, qual seja, a distância desanimadora e ainda assim o contato entre o fim-demundo das Minas Gerais e a convenção literária do Ocidente; ao passo que a cor local romântica, além do que ensejou de apreensão do particular, por momentos expressava a sujeição às expectativas européias e convencionais de exotismo em relação ao país. Noutro plano, pensando em definições gerais - na verdade as definições consagradas pela evolução artística européia -, nada mais diverso do Arcadismo que o Romantismo, de sorte que uma historiografia baseada no universalismo dos critérios

estilísticos, que aliás esteve em voga na época, só podia conceber aquelas escolas em oposição. Já no curso da formação brasileira, sob a égide e pressão do engajamento patriótico das letras, aqueles movimentos em aparência tão incompatíveis adquirem uma decisiva continuidade de fundo, ou de função e espírito, que no caso é a sua marca específica. Analogamente, a oposição entre universalismo e localismo se redefine, saindo da dimensão sucessiva - o primeiro no século XVIII, o segundo no XIX - para integrar o vaivém moderno das necessidades da expressão no país.

Dito isso, o lugar da *Formação* na estante fica ao lado das obras clássicas de Gilberto Freyre, Sergio Buarque de Holanda e Caio Prado Jr. Como estes mestres haviam feito para os padrões da sociabilidade e da vida econômica, AC historia o vir-a-ser do sistema literário nacional, relativamente estável, auto-referido, com dinamismos e problemas próprios, que cabe identificar e estudar. Neste sentido tangível, trata-se de um livro fundador. Pelo que representaram de conquista no ambiente, vale a pena destacar ainda a exigência da fatura e o ponto de vista esclarecido. A erudição literária e histórica, impecável e sóbria, firma um padrão novo. As influências estrangeiras são estudadas sem ofuscação colonizada nem arripios nacionalistas. O livro renova e aprofunda a leitura de praticamente todos os autores de que trata, que são muitos. Possui em alto grau a arte do perfil e da caracterização breve, também de figuras menores. E trouxe a uma disciplina comparativamente atrasada e enumerativa como a história das literaturas nacionais a preocupação com a unidade substancial e articulação interna do objeto, que as ciências sociais mais elaboradas então cultivavam.

Em palavras do Autor, a *Formação* busca reconstituir a história dos brasileiros no seu desejo de terem uma literatura. Esta aliança de esforço artístico e missão nacional, um fato de época, relevante e definidor, obriga a crítica a atender às duas dimensões, ou seja, a praticar a análise interna das obras bem como a salientar o seu papel na edificação da cultura pátria. A propósito seja dito que a ironia acompanhando expressões como esta última é característica do livro, emprestando distância e acerto literário à sua prosa, às voltas com uma empreitada histórica inseparável de certa dose de oficialismo. Nos ensaios posteriores, espalhados em revistas e sucessivos volumes,

AC adota um ângulo diferente. Ainda usando a sua terminologia, o interesse agora se concentra nos processos de *estruturação*, onde elementos da realidade externa se tornam forças ordenadoras internas à obra, aí correndo o seu destino estético, revelando dimensões que escapam ou divergem da ideologia e das intenções deliberadas do artista. Em conseqüência, a prioridade passa para a análise formal, ligada à configuração *objetiva* da obra, em cujo âmbito as intenções do criador não passam de um elemento a mais, freqüentemente recontextualizado de modo imprevisível, revelador, e até comprometedor.

O exame atento a tudo e ao mínimo na organização interna de um romance ou poema, apoiado na convicção da relevância cognitiva da elaboração artística, descobre relações que têm, além da potência artística, valor heurístico para a exploração da realidade histórica. Estamos diante da inversão do esquema "reducionista", onde a realidade explica as obras. Em "Dialética da Malandragem" (1970), ensaio característico a esse respeito e central para a crítica brasileira dos últimos decênios, a análise formal permitiu a AC mostrar: a) a qualidade notável de um romance tido como menor (as *Memórias de um Sargento de Milícias* (1854), de Manuel Antonio de Almeida); b) a sua posição central na literatura e cultura do país, colocando em foco uma linha de força - a malandragem - até então despercebida, que vem da Colônia e é retomada em algumas obras-primas do Modernismo; c) uma conexão estreita entre a sua originalidade formal e uma peculiaridade da estrutura de classe da sociedade brasileira, esta última salientada e revista a partir de seu papel matricial na organização profunda da narrativa, à qual portanto coube a função heurística, de estrutura-guia; d) a consideração comparativa daquela "originalidade nacional", ponderada no âmbito da humanidade contemporânea, no caso através de um esboço de confronto entre a "malandragem" do *Sargento de Milícias* e o rigorismo puritano da *Scarlet Letter* (1850) de Hawthorne. Cada um destes passos traz um avanço, seja pela leitura renovada e mais interessante, seja pela dimensão inédita posta em evidência. Trata-se, enfim, da realização exigente e não-dogmática do programa dialético na crítica, um programa muito proposto e nunca cumprido, que é, sem exagero, uma das aspirações intelectuais deste século. A inspiração geral é marxista, ao

passo que o instrumental é elaborado com independência, no quadro do debate corrente nas ciências sociais e na crítica literária dos anos 50 a respeito da natureza da forma. Pode-se falar de um estruturalismo desenvolvido por conta própria, de inspiração antropológica e sociológica, em oposição ao marxismo vulgar, mas em todo caso anterior à moda estrutural de inspiração lingüística, à qual discretamente os trabalhos de AC se opuseram como uma alternativa de esquerda. Igualmente notável, nesta linha de crítica, é o ensaio "De Cortiço a Cortiço", onde se estudam comparativamente *O Cortiço* (1890) de Aluísio Azevedo e *L'Assommoir* de Zola.

A partir de fins dos anos 60, AC começa a publicar ensaios onde se combinam a análise e o depoimento exato. São escritos que abrem mão da terminologia e exposição científica, mas não da disciplina mental e dos conhecimentos correspondentes. Apoiado na excelente memória, onde está repertoriada a experiência nesta altura já longa do estudioso da literatura e da sociedade, o ensaísta circula reflexivamente entre anedotas, testemunhos, decênios, explicações, teorias, numa prosa precisa e ágil.

A leitura do prefácio-homenagem à 5ª edição de *Raízes do Brasil*, de Sergio Buarque de Holanda, bem como da "Digressão Sentimental sobre Oswald de Andrade" ou das reflexões sobre "A Revolução de 1930 e a Cultura" produz o efeito de uma forma literária própria, difícil, realizada à perfeição.

Em 1960, ao dar um curso em Montevideu, AC fez amizade com Angel Rama, cuja militância latino-americana o impressionou. O desconhecimento recíproco entre hispano-americanos e brasileiros bem como o esforço necessário para superá-lo passam a figurar entre as suas preocupações. O estudo pioneiro sobre "Literatura e Subdesenvolvimento" é um resultado desta perspectiva unificadora.

A importância do professor, cujas aulas são legendárias pela clareza e elegância, é tão grande quanto a do crítico. A posição de relativo destaque dos estudos literários no debate intelectual do país se deve em parte a seus esforços atualizadores. Foi dos primeiros a introduzir a Teoria Literária no currículo universitário, em 1961. Na mesma época passava a dar cursos de pós-graduação sobre autores brasileiros modernos, que até então não eram objeto de pesquisa acadêmica.